

SAÚDE

Judeus querem eliminar doenças hereditárias

Ortodoxos estão usando avançada tecnologia molecular para avaliar o risco de jovens transmitirem problemas genéticos aos filhos; os que têm resultado positivo são aconselhados a não se casar

GINA KOLATA
The New York Times

NOVA YORK — Numa tentativa ambiciosa de eliminar doenças hereditárias de sua comunidade, um grupo de judeus ortodoxos de Nova York e Israel está usando a mais avançada tecnologia molecular para avaliar o risco de jovens que pretendem se casar de ser portadores de alguma dessas

doenças. O projeto provocou reações por parte de geneticistas e especialistas em ética. Para alguns, trata-se de um fruto da nova era da genética. Para outros, é um pesadelo.

Os líderes do programa, denominado Dor Yesharim (A Geração dos Corretos, em hebraico) afirmam que ele pode servir como modelo para a nação. O objetivo não é aconselhar os casais que podem trans-

mitir doenças hereditárias a evitar filhos. Na comunidade, famílias grandes são bem-vindas. A intenção é desencorajar o casamento ou mesmo o namoro entre pessoas com risco de ter uma criança com doença genética.

A cada ano, representantes do Dor Yeshorim vão a escolas particulares onde famílias ortodoxas colocam os filhos e explicam aos adolescentes que podem fazer um simples exame de sangue para saber se carregam genes para doenças como a fibrose cística ou síndrome de Gaucher. Os que têm resultado positivo recebem um número de identificação. Se um garoto se interessa por

uma menina, ou vice-versa, é encorajado a ligar para o escritório geral da instituição e saber se o casal é compatível. O escritório nova-iorquino do Dor Yeshorim tem seis pessoas e o israelense conta com três. Segundo o rabino Josef Ekshtein, que dirige o projeto desde 1983, 8 mil jovens fizeram teste no ano passado para saber se são portadores de genes recessivos. Até agora, pelo menos 67 casais que pretendiam se casar mudaram de idéia de-

pois de ser advertidos sobre o risco de ter filhos doentes.

Quando o projeto começou, o único teste feito era para determinar o risco de Tay-Sachs, condição neurológica degenerativa que é fatal na infância. Alguns meses depois, o

grupo decidiu iniciar testes para detecção genética da fibrose cística, causada por mutações num gene difíceis de ser detectadas na população em geral, mas na comunidade mais homogênea de judeus or-

todosos. A cada ano mais doenças são integradas aos testes. "O que será feito quando se tiver entre 50 e 100 genes?", perguntou o geneticista Michael Kaback, da Universidade da Califórnia. Segundo ele, chegará o momento em que os riscos serão tantos que todo casamento será desaconselhado.

Para o diretor do centro de pesquisa do Projeto Genoma, Francis Collins, quando existe pressão para que integrantes da comunidade se submetam a testes genéticos e modifiquem suas vidas em função disso, todos os indivíduos dentro do grupo podem achar que também têm de passar por esse processo.

PARA
ALGUNS,
PROJETO É UM
PESADELO